

Divya Diksha de Swami Muktananda

Iniciação Divina

No capítulo 10 de sua autobiografia espiritual, Jogo da Consciência, Baba Muktananda relata a manhã em que seu Guru, Bhagavan Nityananda, lhe outorgou shaktipat-diksha, iniciação divina. Baba descreve essa manhã, exaltando-a como o evento crucial que galvanizou sua sadhana e o levou a completar a busca de sua vida, a unidade com o Ser supremo.

Jogo da Consciência, capítulo 10

15 de agosto de 1947 — que dia auspicioso! Tão cheio de néctar! Tão divino! Que méritos e grande riqueza trouxe com ele! Foi o dia mais feliz e mais auspicioso de minha vida, o grande dia de muitos nascimentos e épocas. Foi verdadeiramente sagrado; sim, verdadeiramente foi a aurora do mais auspicioso de todos os dias auspiciosos.

O sol começava a despontar no céu e a atmosfera estava calma. Eu estava de pé, no canto leste do cômodo. Na sala de meditação, Gurudev fazia sons guturais, o que indicava que ele estava saindo da meditação no Ser, o que aconteceu pouco depois. Sua aparência estava um pouco diferente do habitual; de fato, eu nunca o havia visto assim antes.

Calçava um bonito par de sandálias de madeira, sorrindo enquanto andava de um lado para o outro. Num dado momento, retirou-se para um canto e começou a entoar alguns mantras secretos. Depois se aproximou de mim, sorriu novamente e começou a cantar. Usava um xale branco e, embaixo dele, apenas uma tanga e as sandálias nos pés. Continuou a andar

e se aproximou de mim, fazendo seu carinhoso som *hummm* familiar. Passou-se uma hora assim.

Então aproximou-se de mim e tocou meu corpo com o seu. Meu corpo ficou aturdido com essa nova maravilha. Continuei de pé, voltado para o oeste. Gurudev, com o corpo bem próximo ao meu, colocou-se à minha frente. Abri os olhos e vi que Gurudev me olhava fixamente, seus olhos fundindo-se aos meus, no *shambhavi mudra*. Meu corpo ficou paralisado. Não conseguia fechar os olhos; não tinha mais o poder de abri-los ou fechá-los. O divino esplendor de seus olhos paralisou completamente os meus. Ficamos assim por um momento.

Então, ouvi o divino som *hummm* de Gurudev. Ele deu alguns passos para trás e eu recuperei parcialmente a consciência. Ele disse: “Tome estas sandálias e calce-as.” Perguntou-me em seguida: “Você usará minhas sandálias?” Fiquei estupefato, mas respondi com respeito e determinação: “Gurudev, essas sandálias não são feitas para serem usadas por meus pés, mas para que eu as adore por toda minha vida, Baba ji. Vou estender o meu xale e, então, conceda-me a graça de colocar sobre ele os pés e deixar aí suas sandálias.”

Gurudev concordou. Fazendo o mesmo *hummm* gutural, levantou o pé esquerdo e colocou a sandália na beira do xale estendido. Depois, abaixou o pé, levantou o pé direito e pôs a outra sandália no xale. Estava de pé bem à minha frente. Mais uma vez olhou-me direto nos olhos. Eu o observei atentamente. Vi um raio de luz emanar de suas pupilas e penetrar em mim. Era vermelho como um ferro em brasa e ofuscou meus olhos como um farol. Enquanto esse raio fluía dos olhos de Bhagavan Nityananda para os meus, os pelos de meu corpo se arrepiavam sob o efeito conjugado de surpresa, admiração, êxtase e medo.

Eu continuava a repetir o seu mantra *Guru Om*, observando as cores daquele raio de luz. Era uma corrente contínua de esplendor divino. Às

vezes era dourada, às vezes, açafião, às vezes, azul profundo, mais brilhante do que uma estrela cintilante. Fiquei de pé ali, estarecido, atento aos raios brilhantes que penetravam em mim. Meu corpo estava completamente imóvel. Então, Gurudev se mexeu um pouco e novamente fez o seu *hummm, hummm*. Recuperando novamente a consciência, inclinei-me sobre as sandálias, embrulhei-as no xale e prosternei-me no chão. Depois eu me levantei, transbordando de alegria.

Gurudev foi até o lado oeste da sala e trouxe algumas flores, duas bananas, alguns bastões de incenso, um pacotinho de *kumkum* e depositou tudo nas sandálias. Comecei a repetir “*Guru Om, Guru Om*”.

Ele começou a falar: “Todos os mantras são um... Todos são *Om*. *Om Namah Shivaya Om* deve ser *Shivo’ham*. *Shiva, Shiva* deve ser *Shivo’ham*. Deve ser repetido interiormente. Internamente é muito melhor do que com os lábios.” Emitindo o seu *hummm*, Baba ji foi para seu quarto.

Ele voltou com um xale azul nas mãos e o colocou em mim. Em seguida, foi rapidamente até a cozinha, onde *bhajiya*s de banana estavam sendo preparadas. Bhagavan encheu as mãos com as *bhajiya*s e as colocou no meu xale ao lado das sandálias. Finalmente, emitindo o seu extático *hummm*, fez sinal para eu sair.

Saindo da sala, eu não parava de levar as sandálias à minha cabeça. Comi as *bhajiya*s uma a uma e cheirei as flores repetidas vezes. A suavidade, a beleza e a magnificência do xale me encantavam. Felicitando-me por minha boa fortuna e louvando Parashiva por sua graça incomparável, tomei lentamente o caminho de volta. O amor pelo guru e um sentimento de unidade com ele surgiam sem cessar em mim. Submergia em ondas de emoção, que me levavam à identificação cada vez maior com Nityananda.

Havia colocado as sandálias de Sri Gurudev em minha cabeça. No caminho, atravessei a Praça Gandhi, onde um pequeno canal marca o limite do atual Ashram de Sri Gurudev. Há ali uma árvore *audumbara* e,

quando me aproximei dela, meu divino *gurubhava* se tornara *brahmabhava*, identificação com o Absoluto. Por um momento tive a intuição da unidade em meio à diversidade e o padrão mental comum, que distingue o mundo interior do exterior, que percebe a diversidade na unidade, havia desaparecido. Prossegui repetindo “*Guru Om, Guru Om*”, com o pensamento “O Guru está dentro, o Guru está fora”, e enquanto repetia, a doutrina Vedanta de Brahman, o Absoluto, que eu estudara com vários mestres, resplandeceu novamente dentro de mim.

Fui também abençoado por Varuna, o deus da chuva, pois começava a cair uma chuva fina e delicada, e uma brisa fresca soprava suavemente. Abri e fechei os olhos diversas vezes. Com os olhos fechados via inumeráveis raios brilhantes e miríades de minúsculas centelhas cintilantes explodindo dentro de mim. Eu não parava de olhá-las. Que linda visão! Essas centelhas infinitamente pequenas resplandeciam e percorriam todo o meu corpo a uma velocidade incrível. Estava maravilhado e estupefato por sua quantidade e velocidade.

Depois abri os olhos novamente. E mais uma vez lá estavam as mesmas minúsculas e cintilantes centelhas faiscando ao meu redor. A admiração e o êxtase me inundavam à vista desse espetáculo totalmente novo que se desenrolava, não numa tela, mas ao redor de mim. Movia-me tão lentamente que não sabia se era eu que estava seguindo a estrada, ou se era ela que me seguia. Parei perto do templo Gavdevi, e meu rosto virou-se espontaneamente para a direção de Ganeshpuri. Lembrei-me de meu amado Gurudev e de novo me curvei mentalmente diante dele, e então continuei a andar pela estrada.

A chuva fina, bênção de Varuna, ainda caía. Era gratificante ver a tênue bruma misturando-se àqueles frágeis e delicados raios azuis. Andei lentamente, lembrando-me em meu coração de Sri Gurudev, que é o Ser de tudo, carregando na cabeça suas sandálias sagradas. Ainda hoje posso me

lembrar daquela experiência de unidade. Ainda vejo aqueles pequeninos pontos azuis.

Finalmente cheguei ao templo de Vajreshwari. Atrás de seu templo há um templo menor, dedicado a Dattatreya, e era aí que eu vivia. Entrei no templo, adorei as sandálias de meu Guru e comecei a meditar.

Que coisa estupenda havia acontecido!

Que dia grandioso e abençoado, que dia sagrado foi aquele!
Minha angústia dissipou-se, meus pecados foram eliminados, o ciclo de nascimento e morte terminou e o véu da ignorância foi removido.

Foi assim que ele me deu sua iniciação divina.

Layout do design por Mazie McCrady

Adaptado do capítulo 10, "Iniciação", em Swami Muktananda, *Jogo da Consciência: uma autobiografia espiritual* (Rio de Janeiro, RJ: Siddha Yoga Dham Brasil, 2000), pp. 73-81.



© 2000, 2022 SYDA Foundation®. Todos os direitos reservados.

Não copie, publique ou distribua.